

SEMÂNTICA

1. SEMÂNTICA

Uma forte evidência da flexibilidade da língua é a gama de significados que podemos explorar a partir de um mesmo código linguístico. A semântica é a área do conhecimento que se dedica às diversas possibilidades sentido das palavras, expressões e textos.

1.1. CONOTAÇÃO X DENOTAÇÃO

No cotidiano, o ser humano explora as mais diversas possibilidades de sentido da língua para se comunicar. Isso significa que, para além do uso padrão das palavras e expressões, recorreremos a outros significados que expressem sentimentos, sensações. Essa diferença de uso pode ser explicada através dos conceitos de denotação e conotação.

Denotação

A linguagem denotativa se vale do uso corrente das palavras e expressões de uma língua. Normalmente, esses significados estão no dicionário e são compreendidos como definições essenciais.

Exemplo:

Meu tio Alfredo morreu.

Observe que, nesse caso, o termo “morreu” designa deixar de viver. Ou seja, a linguagem utilizada é objetiva, pois descreve exatamente o que se pode observar ou constatar.

Conotação

Por outro lado, a linguagem conotativa, também conhecida como figurada, explora novos possíveis significados para as palavras. Com o intuito de expressar a percepção do sujeito a partir de seus sentimentos e opiniões, novos significados são associados aos termos e expressões da língua.

Exemplo: O almoço não está pronto? Estou morrendo de fome.

É evidente que, no período apresentado, o emissor não está de fato morrendo. O termo MORRER foi empregado em sentido figurado com a finalidade de expressar a sensação de urgência sentida pela pessoa que está com fome.

1.2. RECURSOS SEMÂNTICOS

Nas aulas de interpretação de texto, veremos diversos recursos que podem ser utilizados para explorar significados distintos das palavras e orações. A seguir, citaremos brevemente alguns deles.

- **Polissemia:** a polissemia caracteriza-se pela propriedade de um mesma palavra apresentar vários significados.

- **Sinonímia e antonímia:** sinonímia é a relação estabelecida entre duas ou mais palavras que possuem significados parecidos ou iguais dentro de um contexto; enquanto a antonímia designa a relação de oposição entre as palavras,
- **Ambiguidade:** refere-se às múltiplas interpretações de um mesmo termo ou enunciado.
- **Figuras de linguagem:** recursos que criam novos significados para as expressões, ao trabalhar com o sentido conotativo.

EXERCÍCIOS DE SALA

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Rios sem discurso

Quando um rio corta, corta-se de vez o discurso-rio de água que ele fazia; cortado, a água se quebra em pedaços, em poços de água, em água paralisada. Em situação de poço, a água equivale a uma palavra em situação dicionária: isolada, estanque no poço dela mesma, e porque assim estanque, estancada; e mais: porque assim estancada, muda, e muda porque com nenhuma comunica, porque cortou-se a sintaxe desse rio, o fio de água por que ele discorria.

João Cabral de Melo Neto. A educação pela pedra.

1. (FUVEST-ETE 2022) A partir da leitura do poema, é correto afirmar:
 - a) O sentido de uma palavra é construído em situação discursiva, no ato comunicativo, e resulta da interação entre emissor e receptor.
 - b) Para a comunicação, o emissor faz escolhas lexicais que estão ao alcance do receptor da mensagem.
 - c) O sentido de um texto só está ao alcance do receptor se as palavras utilizadas estiverem em situação dicionária.
 - d) As palavras isoladas não têm significado e não podem ser compreendidas pelo receptor de uma mensagem.
 - e) Na produção de um enunciado, o emissor precisa fazer uso do dicionário para dar maior sentido ao seu discurso.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A oposição passado/presente é essencial na aquisição da consciência do tempo. Não é um dado natural, mas sim uma construção. Com efeito, o interesse do passado está em esclarecer o presente. O processo da memória no homem faz intervir não só na ordenação de vestígios, mas também na releitura desses vestígios.

(Jacques Le Goff)

Ainda hoje, ¹permanece em mim um desejo obsessivo de salvar o que acontece — ²ou deixa de acontecer — na inscrição ininterrupta, sob a forma de memória. Aquele sonho adolescente de conservar o ³rastro de todas as vozes que me atravessavam — ⁴ou quase atravessavam —, ⁵o que devia ser tão precioso e único, a um só tempo especular e especulativo. ⁶Acabei de dizer “deixa de acontecer” e “quase atravessaram” para marcar o fato de que o que acontece — ⁷em outras palavras, o acontecimento único cujo rastro gostaríamos de conservar — é também o próprio desejo de que o que não acontece deva acontecer.

(DERRIDA, Jacques. Essa estranha instituição chamada literatura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 46-47. Texto adaptado.)

Vocabulário

Especular: **1** estudar com atenção, pesquisar, investigar; **2** referente a espelho, que reflete, que tem as propriedades de um espelho.

Especulativo: **1** relativo à especulação, que se caracteriza por investigar teoricamente, que busca o conhecimento, curioso; **2** contemplativo.

2. (G1 - CMRJ 2020) A memória é apresentada no texto sob a ótica do afeto, da subjetividade, e isso se reflete no discurso que, mesmo se propondo teórico, contém traços de conotação. A alternativa com linguagem conotativa é:

- “Permanece em mim um desejo obsessivo”. (referência 1)
- “rastro de todas as vozes que me atravessam.” (referência 3)
- “o que devia ser tão precioso e único.” (referência 5)
- “Acabei de dizer ‘deixa de acontecer’”. (referência 6)
- “em outras palavras, o acontecimento único”. (referência 7)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O gigolô das palavras

Quatro ou cinco grupos diferentes de alunos do Farroupilha estiveram lá em casa numa mesma missão, designada por seu professor de Português: saber se eu considerava o estudo da gramática indispensável para aprender e usar a nossa ou qualquer outra língua. (...) Suspeitei de saída que o tal professor lia esta coluna, se descabelava diariamente com suas afrontas às leis da língua, e aproveitava aquela oportunidade para me desmascarar. Já estava até preparando, às pressas, minha defesa (“Culpa da revisão! Culpa da revisão!”). Mas os alunos desfizeram o equívoco antes que ele se criasse. ¹Eles mesmos tinham escolhido os nomes a serem entrevistados. Vocês têm certeza que não pegaram o Veríssimo errado? Não. Então vamos em frente.

Respondi que a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser julgada exclusivamente como tal. Respeitadas algumas regras básicas da gramática, para evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis. ²A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer “escrever claro” não é certo, mas é claro, certo? ³O importante é comunicar. (E, quando possível, surpreender, iluminar, divertir, mover... Mas aí entramos na área do talento, que também não tem nada a ver com gramática.) ⁴A gramática é o esqueleto da língua. Só predomina nas línguas mortas, e aí é de interesse restrito a necrólogos e professores de latim, gente em geral pouco comunicativa. (...)

⁵Claro que eu não disse isso tudo para meus entrevistados. E adverti que minha implicância com a gramática na certa se devia à minha pouca intimidade com ela. ⁶Sempre fui péssimo em Português. Mas — isso eu disse — vejam vocês, a intimidade com a gramática é tão indispensável que eu gano a vida escrevendo, apesar da minha total inocência na matéria. ⁷Sou um gigolô das palavras. Vivo às suas custas. E tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional. Abuso delas. Só uso as que eu conheço, as desconhecidas são perigosas e potencialmente traiçoeiras. Exijo submissão. Não raro, peço delas flexões inomináveis para satisfazer um gosto passageiro. Maltrato-as, sem dúvida. E jamais me deixo dominar por elas. Não me meto na sua vida particular. Não me interessa seu passado, suas origens, sua família nem o que outros já fizeram com elas. Se bem que não tenho também o mínimo escrúpulo em roubá-las de outro, quando acho que vou ganhar com isto. ⁸As palavras, afinal, vivem na boca do povo. (...)

VERÍSSIMO, Luís Fernando. O gigolô das palavras. 8ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1982.

3. (G1 - IFBA) Leia as afirmativas abaixo sobre o texto:

- Em “Eles mesmos tinham escolhido os nomes a serem entrevistados” (referência 1), a linguagem é conotativa;
- Na oração “O importante é comunicar.” (referência 3), há linguagem denotativa e conotativa;
- No trecho “Sempre fui péssimo em Português” (referência 6), temos um exemplo de linguagem denotativa.

Assinale a alternativa que corresponde às opções verdadeiras:

- Apenas I
- Apenas II
- I e II
- I, II e III
- Apenas III

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O resto é silêncio

Miriam Leitão*

¹Ouvi o silêncio e o que ele me disse foi devastador. ²O silêncio é pior do que as palavras duras, porque é possível instalar nele todos os medos. É o nada e nele os temores desenham fantasias que podem nos aprisionar.

Prefiro palavras e que elas explicitem o rancor e os ressentimentos, e que façam cobranças, e que sejam implacáveis. O silêncio será pior porque ele é o terreno do desconhecido, do que se imagina, e do que se teme.

Tente ficar em silêncio por mais tempo que o descanso e veja que ele crescerá sobre você. Imagine o que é ser posto diante do silêncio: você e ele e nada mais. ³Os minutos passam como se fossem horas. ⁴As horas imitam os dias. O tempo se alonga, aprisiona e oprime.

Ele pode ser o som da calma, da paz e do descanso. Mas pense no silêncio da pergunta sem resposta, do carinho não correspondido, do ⁵apelo sem clemência, da ofensa deliberada, da correspondência que não chega. Pense no silêncio como o avesso do diálogo, como um grande e vasto espelho no qual você vê suas impossibilidades e seus erros. E a espera sem data.

⁶Há silêncios libertadores. Ao fim de uma grande tensão, quando, em ambiente acolhedor, você entrega seus ouvidos à calma. ⁷Há silêncios que aprisionam quando, em ambiente hostil, você tenta inutilmente buscar os sons que informem e situem. Bom é o silêncio que acolhe, acaricia e pacifica, mas tantas vezes é preciso lidar com o que nega, inquieta, rejeita.

⁸A noite apagou todos os sons, fez dormir as criaturas, acalmou o mundo, mas você inquieto acorda insone e tem como companhia para os ouvidos, o nada. Você vasculha o espaço em busca de algo e não há o que o socorra. É do que falo e o que temo: o nada áspero, o nada negativo, o nada nada. Fuja desse silêncio, porque ele desengana os apaixonados, inquieta os inseguros, adoce os aflitos.

Há o bom silêncio, como na manhã de um dia encapsulado no tempo, em que ⁹o sol já iluminou a paisagem verde, você abre a janela sobre o vale, confere os telhados terrosos e descansa os olhos sobre a amplitude. ¹⁰ Talvez algum pássaro emita um som, mas isso só vai confirmar a paz que cerca, acaricia, acalma. O mesmo nada e abstrato pode ferir ou enternecer. Pode ser o descanso ou o desassossego. Eu escolheria para oferecer aos amigos que tenho o melhor dos silêncios, o da esperança da proteção contra os ruídos de um tempo sem trégua. E assim, juntos, ficaríamos em silêncio calmo à espera do recomeço.

*Miriam Leitão é jornalista e escritora. Escreve crônicas aos sábados como colaboradora do Blog. Sábado, 27/08/2016, às 09:52.

4. (G1 - IFSC) Quanto à linguagem do texto, considere as afirmativas a seguir e depois assinale a alternativa CORRETA.

I. Na frase, "Ouvi o silêncio e o que ele me disse foi devastador" (ref. 1), há um exemplo de linguagem conotativa.

II. Na linguagem conotativa, há o sentido convencional das palavras, objetivo, tal como aparece no dicionário.

III. Nos textos em que prevalece a linguagem conotativa, pode também haver exemplos de linguagem em sentido denotativo, como em "Há silêncios libertadores" (ref. 6).

IV. O texto não apresenta linguagem conotativa nem denotativa, porque foi publicado em um blog.

Assinale a alternativa CORRETA.

- a) Apenas as afirmativas I e III são verdadeiras.
- b) Apenas as afirmativas I e II são verdadeiras.
- c) Apenas a afirmativa I é verdadeira.
- d) Apenas a afirmativa III é verdadeira.
- e) Apenas as afirmativas II e IV são verdadeiras.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Turismo na favela: E os moradores?

Água morro abaixo, fogo morro acima e invasão de turistas em favelas pacificadas são difíceis de conter. Algo precisa ser feito para que a positividade do momento não transforme esses lugares em comunidades "só pra inglês ver". As favelas pacificadas tornaram-se alvo de uma volúpia consumidora poucas vezes vista no Rio de Janeiro. O momento em que se instalaram as Unidades de Polícia Pacificadora em algumas favelas foi como se tivesse sido descoberto um novo sarcófago de Tutankamon, o faraó egípcio: uma legião de turistas, pesquisadores, empresários, comerciantes "descobriram" as favelas.

O Santa Marta, primeira favela a ter uma UPP ao longo dos seus quase 80 anos, sempre recebeu, na maioria das vezes de forma discreta, visitantes estrangeiros. E, em alguns casos, ilustres: Rainha Elizabeth, Senador Kennedy, Gilberto Gil. Até mesmo Michael Jackson, quando gravou seu clipe na favela, não permitiu a presença da mídia. A partir de 2008, iniciou-se a era das celebridades e a exposição da favela para o mundo.

Algumas perguntas, porém, precisam ser feitas e respondidas no momento em que o poder público pensa em investir nesse filão: o que é uma favela preparada para receber turistas? Que "maquiagem" precisa ser feita para que o turista se sinta bem? Que produtos os turistas querem encontrar ali? O comércio local deve adaptar-se aos turistas ou servir aos moradores? Se o Morro não é uma propriedade particular, se não tem um dono, todo e cada morador tem o direito de opinar sobre o que está se passando com o seu lugar de moradia.

Essas e outras questões devem pautar o debate entre moradores e gestores públicos sobre o turismo nas favelas pacificadas. Se os moradores não se organizarem e se não assumirem o protagonismo das ações de turismo e de entretenimento no Santa Marta, vamos assistir aos nativos — os de dentro — servindo de testa de ferro para empreendimentos e iniciativas dos de fora, às custas de uma identidade local que aos poucos vai perdendo suas características.

Tomar os princípios do turismo comunitário — integridade das identidades locais, protagonismo e autonomia dos moradores — talvez ajude-nos a encontrar estratégias para receber os de fora sem sucumbir às regras violentas de um turismo mercadológico.

Itamar Silva é Presidente do Grupo Eco — Santa Marta e diretor do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase).

Adaptado de: Jornal O Dia, 31/01/2013.

5. (G1 - CFTRJ) Quando escrevemos, dispomos, entre outros recursos, de vários sinais gráficos: as aspas são exemplos disso. No texto, elas foram empregadas em “maquiagem” (ref. 1) com a intenção de destacar que essa palavra sofreu uma alteração de natureza:
- semântica.
 - sintática.
 - morfológica.
 - fonética.

— Sem querer meter o nariz no que não é da minha conta, gostaria também que trouxesse pouco dinheiro, ou antes, nenhum.

— Agora é que não estou pegando mesmo nada.

— Coma o que quiser, depois mandamos receber em sua casa.

⁵— Bem, eu moro ali adiante, mas e outros, os que nem se sabe onde moram, ou estão de passagem na cidade?

— Dá-se um jeito.

— Quer dizer que nem relógio nem dinheiro?

— Nem joias. ¹²Estamos pedindo às senhoras que não venham de joia. É o mais difícil, mas algumas estão atendendo.

— Hum, agora já sei.

— Pois é. Isso mesmo. O amigo compreende...

— Compreendo perfeitamente.

Desculpa ter custado um pouco a entrar na jogada. Sou meio ⁶obtuso quando estou com fome.

— Absolutamente. Até que o amigo compreendeu sem que eu precisasse dizer ⁷tudo. Muito bem.

— Mas me diga uma coisa. Quando foi ⁸isso?

— Quarta-feira passada.

— E como ⁹foi, pode-se saber?

— Como ¹⁰podia ser? Como nos outros lugares, no mesmo figurino. Só que em ponto menor.

— Lógico, sua casa é pequena. Mas levaram o quê?

— O que havia na caixa, pouquinho coisa. Eram 9 da noite, dia meio parado.

— Que mais?

— Umas coisinhas, liquidificador, relógio de pulso, meu, dos empregados e dos fregueses.

— An. (Passei a mão no pulso, instintivamente.)

— O pior foi o cofre.

— Abriram o cofre?

¹³— Reviraram tudo, à procura do cofre. Ameaçaram, pintaram e bordaram. Foi muito desagradável.

— E afinal?

— Cansei de explicar a eles que não havia cofre, nunca houve, como é que eu podia inventar cofre naquela hora?

— Ficaram decepcionados, imagino.

— Não senhor. Disseram que tinha de haver cofre. Eram cinco, inclusive a moça de bota e revólver, querendo me vencer que tinha cofre escondido na parede, no teto, embaixo do piso, sei lá.

— E o resultado?

— Este — e baixou a cabeça, onde, no cocuruto, alvejou a estrela de esparadrapo.

⁴— Oh! Sinto muito. Não tinha notado. Felizmente escapou, é o que vale. Dê graças a Deus por estar vivo.

— Já sei. Sabe que mais? Na polícia me perguntaram se eu tinha seguro contra roubo. E eu pensando que meu seguro fosse a polícia. ¹⁴Agora estou me segurando à minha maneira, deixando as coisas lá em casa e convidando os fregueses a fazer o mesmo. E vou comprar um cofre. Cofre pequeno, mas cofre.

ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Esparadrapo

Aquele restaurante de bairro é do tipo simpatia/classe média. ¹Fica em rua sossegada, é pequeno, limpo, cores repousantes, comida razoável, preços idem, não tem música de triturar os ouvidos. ¹¹O dono senta-se à mesa da gente, para bater um papo leve, sem intimidades.

³Meu relógio parou. Pergunto-lhe quantas horas são.

— Estou sem relógio.

— Então vou perguntar ao garçom.

Ele também está sem relógio.

— E o colega dele, que serve aquela mesa?

— Ninguém está com relógio nesta casa.

— Curioso. É moda nova?

²— Antes de responder, e se o senhor permite, vou lhe fazer, não propriamente um pedido, mas uma sugestão.

— Pois não.

— Não precisa trazer relógio, quando vier jantar.

— Não entendo.

— Estamos sugerindo aos nossos fregueses que façam este pequeno sacrifício.

— Mas o senhor podia explicar...

— Para que, se não vai guardar dinheiro nele?

— Para mostrar minha boa-fé, se eles voltarem. Abro imediatamente o cofre, e verão que não estou escondendo nada. Que lhe parece?

— Que talvez o senhor precise manter um estoque de esparadrapo em seu restaurante.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Esparadrapo. In Para gostar de ler. v. 3. Crônicas. São Paulo: Ática, 1978.

1. (G1 - IFSC) A crônica, como um gênero na fronteira entre o jornalismo e a literatura, apresenta algumas características próprias de textos literários, como o uso de linguagem conotativa, ou figurada.

Assinale a alternativa CORRETA onde o trecho retirado do texto ocorre esse tipo de linguagem.

- a) "Fica em rua sossegada, é pequeno, limpo, cores repousantes, comida razoável, preços idem, não tem música de triturar os ouvidos." (ref. 1)
- b) "Antes de responder, e se o senhor permite, vou lhe fazer, não propriamente um pedido, mas uma sugestão." (ref. 2)
- c) "Meu relógio parou. Pergunto-lhe quantas horas são." (ref. 3)
- d) "Oh! Sinto muito. Não tinha notado. Felizmente escapou, é o que vale. Dê graças a Deus por estar vivo." (ref. 4)
- e) "Bem, eu moro ali adiante, mas e outros, os que nem se sabe onde moram, ou estão de passagem na cidade?" (ref. 5)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Mulheres...

² _____ ⁵alguns dias, percorrendo ³ _____ salas ⁶dum ministério para tratar de ⁷certo negócio terrivelmente embrulhado, desses que dão aneurismas e cabelos brancos, eu e ⁸um amigo encontramos numerosas funcionárias bonitas. Uma delas forneceu-nos informações bastante vagas: deu-nos dois ou três números e, com os olhos redondos e úmidos, que um ligeiro estrabismo entortava, pareceu indicar a direção do lugar ⁴ _____ os nossos papéis deviam estar.

Corremos a outro ministério e vimos várias ⁹senhoras difíceis entregues a trabalhos incompreensíveis. Não achamos os nossos papéis, é claro. Andamos em departamentos diferentes, voltamos ao primeiro ministério, ao segundo, tornamos a voltar, percorremos infinitos ¹³canais competentes ¹²— e em toda a parte esbarramos com ¹⁴senhoras atarefadas, que executavam operações estranhas, usavam uma linguagem desesperadamente confusa e recebiam indiferentes as nossas queixas e os nossos ¹⁵rogos.

Com o ¹⁰coração grosso e indignado, resolvi abandonar esse negócio infeliz e fui ¹¹deitar uma carta ao correio. Tomei lugar na fila, mas antes que chegasse a minha vez a mulher que vendia selos deixou o guichê. Esperei uma ¹⁶eternidade a volta dela e fui-me aproximando devagar, na fila. A carta foi pesada, o selo comprado e uma moeda falsa recebida no troco.

²⁰Marchei para o guichê dos registrados, onde uma espécie de ²⁷mulher ¹⁷portadora de óculos e bastante idade se mexia como uma ²⁸figura de câmara lenta.

²¹Enquanto me arrastava seguindo os desgraçados que ali estavam sofrendo como eu, pensei nas deputadas, nas telefonistas, na professora primária que me atormentava e nos versos de ²⁹certa poetisa que em vão tento esquecer. ²³Evidentemente nenhuma dessas pessoas, deputadas, telefonistas, professora e poetisa, tinha culpa de haverem corrido mal meus negócios nos ministérios, nenhuma me dera moeda falsa, e era estupidez responsabilizá-las pela preguiça da ²⁶mulher do ¹⁸registrado. ²²Mas relacionei todas e julguei perceber os motivos de certos hábitos novos.

Antigamente, quando uma senhora entrava num ¹⁹carro cheio, havia sempre sujeitos que se levantavam. Hoje, nos trens da Central, elas viajam espremidas como numa lata de sardinhas.

Ninguém fumava nos primeiros bancos dos bondes. Ainda existe a proibição num aviso gasto e metrificado, que tem o mesmo valor dos alexandrinos¹: ninguém o lê. A autoridade do condutor ficou muito reduzida, e o letreiro proibitivo tornou-se lei como as outras, artigo de regulamento.

Há pouco tempo ³⁰uma senhora declarou num romance que as mulheres são diferentes dos homens. É claro. Mas, ²⁴apesar da diferença, elas se tornaram nossas concorrentes, e concorrentes temíveis. Eu queria ver um examinador que tivesse a coragem de reprovar aquela moça de olhos redondos, úmidos e ligeiramente estrábicos, que encontrei um dia destes no corredor do ministério. Só se ele fosse cego.

O Sr. Plínio Salgado quer acabar com os banhos de mar, porque as pernas das mulheres se descobrem neles. Não vale a pena. São pernas de concorrentes, para bem dizer nem são pernas. Pensa que temos lá tempo de pensar nessas coisas? Tinha graça que, nos banhos de mar, fôssemos espiar as canelas da moça de olhos estrábicos ou as da mulher que nos impingiu uma moeda falsa. Não olhamos. Se elas chegarem perto do estribo do bonde cheio, ficaremos sentados porque pagamos passagem e temos o direito de ficar sentados. Isto. Somos pouco mais ou menos iguais, apesar da afirmação da ²⁵mulher do romance. Vão no estribo, se quiserem, de pingente. Ou fiquem junto ao poste. Vão para o diabo. É isto. Concorrentes, inimigas. Ou amigas. Dá tudo no mesmo.

RAMOS, Graciliano. Garranchos. Organização de Thiago Mio Salla. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 160-2. (Adaptado)

O termo alexandrinos refere-se à poesia produzida em estrutura arcaica, com versos de 12 sílabas.

2. (UCS) As expressões senhoras difíceis (ref. 9), coração grosso e indignado (ref. 10) e deitar uma carta ao correio (ref. 11) são usadas com uma linguagem _____ (1) e poderiam significar, sem prejuízo ao sentido empregado no texto, respectivamente, _____ (2), _____ (3) e _____ (4).

Assinale a alternativa que melhor completa as lacunas acima, conforme a numeração.

	1	2	3	4
a)	conotativa	mulheres sisudas	esgotamento	postar uma carta
b)	denotativa	senhoras esquivas	cansaço	remeter uma carta
c)	denotativa	mulheres essenciais	obstáculo	receber uma carta
d)	conotativa	damas choradas	sacrifício	passar uma carta
e)	conotativa	mulherio obsoleto	infausto	jogar uma carta

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto I

Trem de aço

¹Viajar de trem me dá saudade de coisas que não vivi. É também diante de um trem, estando eu dentro ou fora dele, que revejo cenas que não presenciei e histórias que incluem pessoas que nem sempre conheci. ²Gente esperando na plataforma, dando adeus aos amigos, beijando a namorada, enxugando uma lágrima, mas fingindo sorrir. São como muitas imagens que povoam os nossos sonhos e que, ³ao nos lembrarmos delas, ficamos em dúvida sobre sua vivência real ou sonhada. Se estou dentro de um deles, imediatamente me acomodo junto à janela, para ver o desfile das pequenas cidades, as crianças acenando, as mulheres suspendendo por um instante o que estão fazendo ⁴e assim, com os olhos cheios de sonhos, se postarem nas janelas e nos quintais, suspirando por uma vida bonita como uma viagem de trem.

[...]

Uma viagem, qualquer uma, curta ou longa, seja por um meio, seja por outro, sempre nos deixa imagens de vida que ficam para sempre. Mas as que fazemos de trem perduram muito além das outras. Num avião, por exemplo, não temos paisagem. É como se viajássemos dentro de um tubo de ensaio. Num navio existe sempre a monótona solidão do oceano que parece não ter fim. ⁵O trem, ao contrário, nos enriquece os olhos e a imaginação, com as múltiplas imagens desfilando diante de nós, como no cinema.

Muitas vezes viajei no “trem de aço”, como era chamado o comboio que fazia o trajeto entre São Paulo e Rio, ainda que o nome oficial fosse Santa Cruz. Quantos enredos foram vividos ali, ⁶nas viagens quase semanais que eu fazia para participar do Grande Teatro. Muitas na companhia ocasional de Caymmi, do Cyro Monteiro, da Aracy de Almeida, entre outros. No carro-restaurante rolavam uísque e boas histórias. ⁷Fui testemunha de romances que começaram e que terminaram nessas viagens. Quantas lágrimas felizes e infelizes vertidas na madrugada. Numa dessas viagens presenciei a bofetada de uma amante, indignada e raivosa com suposta traição, em seu parceiro. E em meio a essas cenas, quando nos dávamos conta, já era dia claro. Então corríamos às nossas cabines, para um simples cochilo que fosse e que nos devolvesse uma aparência melhor para enfrentar o dia que estava começando. Muitos de nós viajávamos de trem por economia. Outros, por medo de voar, como o próprio Cyro Monteiro, que chamava o trem de “avião dos covardes”. [...]

(CARLOS, Manoel. Revista Veja Rio, Editora Abril, 31/10/12, p. 130.)

Texto II

Explicação de poesia sem ninguém pedir

Um trem de ferro é uma coisa mecânica,
mas atravessa a noite, a madrugada, o dia,
atravessou minha vida,
virou só sentimento.

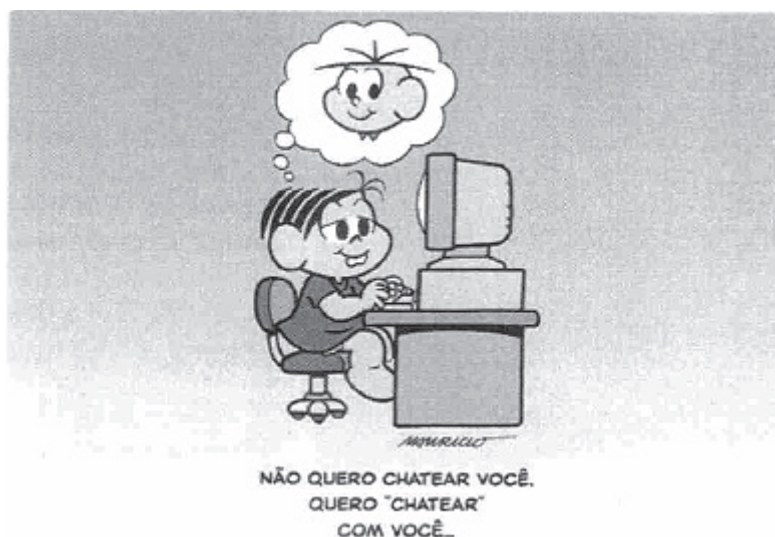
(PRADO, Adélia. Bagagem. 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. p.56.)

Texto III



(Tirinha postada no blog mulheresqueamamerrado.blogspot.com)

3. (G1 - CP2) Em relação aos textos I, II e III, só não se pode afirmar que:
- o cronista, no texto I, valoriza a viagem de trem, em relação a outras formas de viagem, por seu caráter dinâmico, comparando-a ao cinema.
 - o poema de Adélia Prado se constrói no sentido da denotação para a conotação.
 - o humor, no texto III, é resultante da quebra de expectativa em relação à causa da volta da personagem masculina: a jaqueta, não o amor.
 - o verbo atravessar, no texto II, é empregado em sentido denotativo no segundo verso e em sentido conotativo no terceiro.
4. (UEPB) Do texto, abaixo, é possível concluir que o termo "chatear" foi usado:



- De maneira ambígua, sem nenhuma pista que possa ajudar na busca dos sentidos do termo.
- De forma figurada, exemplificando unicamente a polissemia da linguagem.
- Com o sentido literal do termo, ocasionando uma redundância.
- Com mais de um sentido, cuja alteração se faz perceber pelos recursos linguísticos e visuais que servem de pistas para o entendimento do texto.
- De forma equivocada, pois não existe um destinatário declarado a quem se dirige a mensagem.

5. (G1 - CFTRJ)



(TIRAS ARMANDINHO. 7 de agosto de 2015.

Disponível em: https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos_stream/)

A tira é um gênero que apresenta linguagem verbal e não verbal e, geralmente, propõe uma reflexão por meio do humor. No plano verbal, o humor da tira:

- tem como foco principal a imagem do carro para ilustrar a situação econômica do pai do personagem.
- baseia-se na polissemia do termo "crise", ora relacionado à situação econômica, ora a uma fase da vida.
- baseia-se na linguagem não verbal, que apresenta dois amigos assustados com o tamanho do carro.
- está centrado na hipérbole, observada na fala do personagem Armandinho, quando usa a palavra "gigante".

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O sequestro das palavras

Gregório Duvivier

Vamos supor ¹que toda palavra tenha uma vocação primeira. A palavra mudança, por exemplo, nasceu filha da transformação e da troca, e desde pequena ²servia para descrever o processo de mutação de uma coisa em outra coisa que não deixou de ser, na essência, a mesma coisa ³— quando a coisa é trocada por outra coisa, não é mudança, é substituição. A palavra justiça, por exemplo, brotou do casamento dos direitos com a igualdade (sim, foi um ménage): ⁴servia para tornar igual aquilo que tinha o direito de ser igual ⁵mas não estava sendo tratado como tal.

⁶No entanto as palavras cresceram. E, assim como as ⁷pessoas, ⁸foram sendo contaminadas pelo mundo _____ sua volta. As palavras, ⁹coitadas, não sabem escolher amizade, não sabem dizer não. A liberdade, por exemplo, é dessas palavras que só dizem sim. Não nasceu de ninguém. Nasceu contra tudo: a prisão, a dependência, o poder, o dinheiro ¹⁰— mas não se espante se você vir _____ liberdade vendendo absorvente, desodorante, cartão de crédito, empréstimo de banco. A publicidade vive disso: dobrar as melhores palavras sem pagar direito de imagem. Assim, você ¹¹verá as palavras ecologia e esporte juntarem-¹²se numa só para criar o EcoSport ¹³— existe algo menos ecológico ou esportivo que um carro¹⁴? Pobres palavras. Não ¹⁵tem advogados. Não precisam assinar termos de autorização de imagem. Estão aí, na praça, gratuitas.

Nem todos aceitam que as palavras ¹⁶sejam sequestradas ao bel-prazer do usuário. A ¹⁷política é o campo de guerra onde se ¹⁸disputa a posse das palavras. A "ética", filha do caráter com a moral, transita de um lado para o outro dos conflitos, assim como a Alsácia-Lorena, e não sem guerras sangüinárias. Com um revólver na cabeça, é obrigada _____ endossar os seres mais amorais e sem caráter. A palavra mudança, que sempre andou com _____ esquerdas, foi sequestrada pelos setores mais conservadores da sociedade ¹⁹— que fingem querer mudar, quando o que querem é trocar ²⁰(para que não se mude mais). ²¹A Justiça, coitada, foi cooptada por quem atropela direitos e desconhece a igualdade, confundindo-a o tempo todo com seu primo, o justicamento, filho do preconceito com o ódio.

Já a palavra impeachment, recém-nascida, filha da democracia com a mudança, ²²está escondida num porão: ²³emprestaram suas ²⁴roupas _____ palavra golpe, que desfila por aí usando seu nome e seus documentos. Enquanto isso, a palavra jornalismo, coitada, agoniza na UTI. As palavras não lutam sozinhas. É preciso lutar por elas.

Texto publicado em 21 mar. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregoriодuvivier/2016/03/1752170-o-sequestro-das-palavras.shtml>>. Acesso em: 06 abr. 2016.

6. (G1 - IFSUL) O título do texto “O sequestro das palavras” se justifica porque
- as palavras não são utilizadas adequadamente, o que ocasiona os mal-entendidos e os desvios da comunicação.
 - a polissemia, entendida como multiplicidade de sentido das palavras, pode interferir negativamente na construção do discurso.
 - a utilização das palavras tem-nas afastado do seu sentido literal, forçando-as a incorporarem novos significados.
 - o sentido unívoco expresso pelas palavras está em desacordo com o interesse de quem as utiliza em cada situação.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Mulher proletária

Jorge de Lima

Mulher proletária — única fábrica
que o operário tem, (fabrica filhos)
tu
na tua superprodução de máquina humana
forneces anjos para o Senhor Jesus,
forneces braços para o senhor burguês.
Mulher proletária,
o operário, teu proprietário
há de ver, há de ver:
a tua produção,
a tua superprodução,
ao contrário das máquinas burguesas,
salvar o teu proprietário.

LIMA Jorge de. Obra Completa (org. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.

7. (UECE 2019) As relações de sentido que o poeta estabelece no poema podem ser representadas por vários pares de oposição semântica de palavras, EXCETO por
- sujeito × objeto.
 - libertação × escravidão.
 - igualdade × desigualdade.
 - produção × riqueza.
8. (FUVEST) Considere este trecho de um diálogo entre pai e filho (do romance “Lavoura arcaica”, de Raduan Nassar):

— Quero te entender, meu filho, mas já não entendo nada.

— Misturo coisas quando falo, não desconheço, são as palavras que me empurram, mas estou lúcido, pai, sei onde me contradigo, piso quem sabe em falso, pode até parecer que exorbito, e se há farelo nisso tudo, posso assegurar, pai, que tem muito grão inteiro. Mesmo confundindo, nunca me perco, distingo para o meu uso os fios do que estou dizendo.

No trecho, ao qualificar o seu próprio discurso, o filho se vale tanto de linguagem denotativa quanto de linguagem conotativa.

- A frase “estou lúcido, pai, sei onde me contradigo” é um exemplo de linguagem de sentido denotativo ou conotativo? Justifique sua resposta.
- Traduza em linguagem de sentido denotativo o que está dito de forma figurada na frase: “se há farelo nisso tudo, posso assegurar, pai, que tem muito grão inteiro.”

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

As questões seguintes se baseiam num fragmento do poema-canção i, do artista Caetano Veloso, e numa passagem de VIAGENS NA MINHA TERRA, do simbolista Antônio Nobre (1867-1900), escritor que retoma princípios estéticos do Romantismo português, sendo precursor da modernidade.

TRILHOS URBANOS

O melhor o tempo esconde
Longe, muito longe,
Mas bem dentro aqui,
Quando o bonde dava a volta ali.
No cais de Araújo Pinho,
Tamarindeirinho,
Nunca me esqueci
Onde o Imperador fez xixi.

Cana doce, Santo Amaro,
O gosto muito raro
Trago em mim por ti,
E uma estrela sempre a luzir.
Bonde da Trilhos Urbanos
Vão passando os anos
E eu não te perdi:
Meu trabalho é te traduzir...

Caetano Veloso, CINEMA TRANSCEDENTAL. LP 6349 436, PolyGram, 1979.

VIAGENS NA MINHA TERRA

Às vezes, passo horas inteiras
Olhos fitos nestas braseiras,
Sonhando o tempo que lá vai;
E jornadaio em fantasia
Essas jornadas que eu fazia
Ao velho Douro, mais meu Pai.

Que pitoresca era a jornada!
Logo, ao subir da madrugada,
Prontos os dois para partir:
Adeus! Adeus! É curta a ausência,
Adeus! - rodava a diligência
Com campainhas a tinar!

E, dia e noite, aurora a aurora,
Por essa doida terra fora,
Cheia de Cor, de Luz, de Som,
Habitado à minha alcova
Em tudo eu via coisa nova,
Que bom era, meu Deus! que bom!

Moinhos ao vento! Eiras! Solares!
Antepassados! Rios! Luares!
Tudo isso eu guardo, AQUI ficou:
Ó paisagem etérea e doce,
Depois do Ventre que me trouxe,
A ti devo eu tudo que sou!

Só (1892). In: NOBRE, Antônio. POESIA. - NOSSOS CLÁSSICOS.
Rio de Janeiro: Agir, 1959, p. 45-6.



9. (UNESP) Os textos em pauta atualizam um tema muito frequente no Romantismo, e recorrente na literatura de todos os tempos. Levando-se em consideração que se trata de poemas autobiográficos, releia com atenção os versos de Caetano Veloso e Antônio Nobre e, a seguir,
- responda qual é a temática dominante em ambos os textos;
 - explique a significação conotativa do signo TRADUZIR, em "Trilhos Urbanos".

GABARITO (E.I.)

1. A 2. A 3. D 4. D
5. B 6. C 7. D

- 8.
- A frase "estou lúcido, pai, sei onde me contradigo" é de sentido denotativo, pois expressa de forma inequívoca um significado de base: a consciência do filho da lucidez diante de seu discurso desconexo.
 - Uma tradução possível é: se no que eu digo pode haver alguma obscuridade ou desconexão, tenha certeza, meu pai, de que muita coisa aí contida também é coerente e muito bem pensada.
- 9.
- A temática dominante em ambos os textos é o "saudosismo" da terra natal. Caetano refere-se a "Santo Amaro da Purificação" e Antônio Nobre ao "Douro", em Portugal.
 - "Traduzir" significa que seu poema-canção deve transformar em arte todas as experiências passadas vividas na sua terra natal.